

A ALPORGAÇÃO D'UM GRAVEIRO

(Phot. do sr. Edgar Chaim)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 119

Braga, 9 de outubro de 1915

Anno III

PARA LER!

Brotéria, Revista muito interessante, de agricultura, descobertas scientificas e estatisticas commerciaes, tão illustrada como as melhores revistas estrangeiras.

Assinatura 1\$500. Pedidos a A. Costa e Mattos, Braga.

Frigideiras e Restaurante

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto

BRAGA

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Pelzoto.

Braga, 9 de outubro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 119—Anno III

Exposição Nacional de Ceramica Antiga



Sala A—Dr. Luiz d'Oliveira

(Noticia em pag. 229)

Chronica da Semana

Ramalho Ortigão

ENTRE um academica parlenda do sr. Lopes de Mendonça e um substancioso e brilhante adeus discursado por João do Amaral, porventura o maior dos defensores do integralismo luso, — o cadaver de Ramalho Ortigão foi sepultado. Olhando em redor, eu não vejo nada que para o futuro e o presente do paiz tenha mais importancia, n'esta Semana finda, do que a morte bella — bella porque foi christã, bella porque é digna de um homem — d'esse velho de 80 annos que ainda ha dois mezes pouco mais eu via cheio de admiração, observando superiormente, allivamente, aristocraticamente todo um mundo ridiculo de fantoches em delirio e em gritos, todo o fluxo e refluxo da onda da desordem sobre a superficie inteira da patria . . .

Este mundo de fantoches não comprehendia Ramalho, como não comprehende geralmente, o esforço tenaz e abnegado de quem quer que passe a vida a ensinar-lhe o que é util e até indispensavel á sua salvação; essa onda de demagogia, saburra da nossa decadencia, odiava não só o homem limpo, mas tambem e sobretudo o grande e legitimo e são aristocrata que foi Ramalho. Tecem-lhe agora elogios, e ainda assim parcissimos, porque ante a magestade do cadaver de Ramalho, que guardou todo o aprumo da vida do seu corpo, teve mêdo de repetir os apôdos e insultos com que (de longe, por cautella) lhe respondeu ás chicotadas — raiva mesquinha que já Fialho experimentara e que logrou afinal matal'o em Cuba.

Dada esta pincelada sobre o espectáculo triste do desaparecimento do glorioso *vencido da vida*, que parecia mais jovem do que a mocidade de hoje, vá de encarar de relance a obra monumental que desde aquelles fulgureos repentes de original e ironico espirito do *Jornal do Porto* até ás ultimas cartas pera a *Gazeta de Noticias* do Rio, passando pelas *Farpas*, pelo *mystério da Estrada de Cintra*, pela *Hollanda*, pelas *Praias de Portugal*, pelo *D. Carlos*, o *Martyrisado* — faz toda a victoria de Ramalho não já sobre esta sociedade desagregada e futil, mas sobre a pedanteria litteraria de hoje em dia que anda por'hi a desvirtuar e a transformar sacrilegamente a obra da geração de Ramalho. E é a esta mesma que eu quero agora referir-me apontando para a obra de Ramalho. Elle foi excepcional dentro d'ella. No grupo dos *vencidos*, tirante sob certo aspecto o genio de Anthero, elle foi talvez o unico que resumiu todas as qualidades requeridas ao proposito reformador d'essa phalange que a geração de ha vinte annos estupidamente julgou de *blagueurs* e de indifferentes, mas que de facto era constituída de estudiosos com enorme talento. Quem hoje percorre a obra do Eça (e permita-se-me que junte á pleiade o nome de Fialho), o de Ramalho, e de

Oliveira Martins, ha-de encontrar pela frente figuras muito diversas das que os panegiricos das gazetas pinlaram. O Eça, no fundo, foi um tradicionalista com um acendrado amor á terra portugueza (veja-se as *Prosas Barbaras*, a *Cidade e as Serras*, as *Ultimas Pagnas*, e considere-se como excepção no romancista as centenas de paginas obscenas). Na obra de Fialho apanham-se innumerous traços de um defensor da Auctoridade e da Ordem, de um horrorisado pela demagogia. Nas *Farpas*, todo um compendio de remedios aos nossos males. Ha desvarios? Sem duvida. Estavam os luctadores na phase demolidora . . .

Note-se, porém, agora que de todos elles, Ramalho foi o que mais e melhor demoliu e o que mais construiu e ter-se-ha de Ramalho uma visão superior á de qualquer dos seus companheiros de então. Ainda mais: ao passo que, por educação primitiva, meio ou temperamento, qualquer dos outros se desfigurou na faina de derruir, fechando os olhos antes de darem os golpes. Ramalho não se desmanchou nunca, clarividente e probo, instruido e sensato, quando o mal apparecia tocando a ponta do seu bisturi. Elle só corta, geralmente, o que está pôdre, e ainda mesmo quando erra (o que é n'elle um caso menos, muito menos frequente do que em Junqueiro, por exemplo) o seu erro vem como um producto de estudo e analyse. Maior erro então?! — dirá o leitor. E' claro! respondo eu, mas por isso mesmo que nascidos do estudo e da analyse, embora analyse e estudo falsos ou incompletos, erros com muito maior probabilidade de virem a ser corrigidos, desde que um estudo mais profundo e uma analyse mais conscienciosa dêsem a Ramalho a expressão inilludivel da ultima verdade.

E essa correcção deu-se. E Ramalho na idade mais alta do seu espirito, quando chegou áquella altura em que os homens talham as suas ultimas affirmações, fez a correcção dos seus erros, proclamou a conclusão da sua vida, do seu trabalho sincero. Essa conclusão, no auctor de dezenas de paginas das *Farpas*, do *Culto da Arte em Portugal*, só podia ser uma — a da verdade politica e a da verdade religiosa: a Tradição Monarchica e a Fé Catholica.

Tenho aqui ainda um dos seus artigos da *Gazeta de Noticias* (n.º 184) em que, depois de dizer que «a experiencia politica da Refunda prolongada até hoje não está deixando no fundo das refortas, senão indisciplina, desordem, deseducação, desnacionalisação, immoralidade, irrelição, empobrecimento, charlatanismo, cabotinismo e miseria», acrescenta estas palavras:

«Evaporada, a infantil e burlesca illusão de que um paiz pode continuar a viver como vive uma minhoca, em postas, uma vez esartejado nas suas tradições, nas suas crenças, nos seus usos e costumes, na continuidade da sua experiencia historica, governado por um pessoal improvisado pelo favoritismo politico, com uma instrucção publica de pedantes, uma religião de atheus, uma policia de sicarios, uma maioria parlamentar de ineptos, um ministerio de energumenos, uma burocracia de vagabundos e uma diplomacia de curiosos, da qual só é dado esperar um alfofre de *parvenus* internacionaes e de *gaffeurs* de carreira».

Ramalho morreu catholico. A *benediction d'un vieillard* que elle recebeu de Leão XIII, succedeu a benção de Deus . . . Foi o digno remate da sua obra de educador!

F. V.

Ramalho Ortigão:

QUANDO pela primeira vez pizei o Chiado, experimentando o natural, infantil alvoroço—, que n'uma boa provinciana alma de dezoito annos, produz emfim, o contacto com uma coisa ou com um coração conhecido, atravez dos romances, dos folhetins ou da phantasia, ao lobrigar, a meia aristocratica ladeira, a figura esplendente de Ramalho, forte, desempenado, subindo arrogante, de vigor e de saude, eu tive a impressão de contemplar phantasticamente plantada na triste e safara leziria extremenha, algumas das searas exuberantes e nobres da minha terra longinqua. E' que Ramalho Ortigão, com a sua elegancia requintada de *dandy* e a rajada forte da sua mocidade eterna, caminhando allivo n'um cadenciar saudavel que denota exercicio, passava como uma lufada de energia e de vigor por entre essa sociedade — decadente, *snob*, derreada...

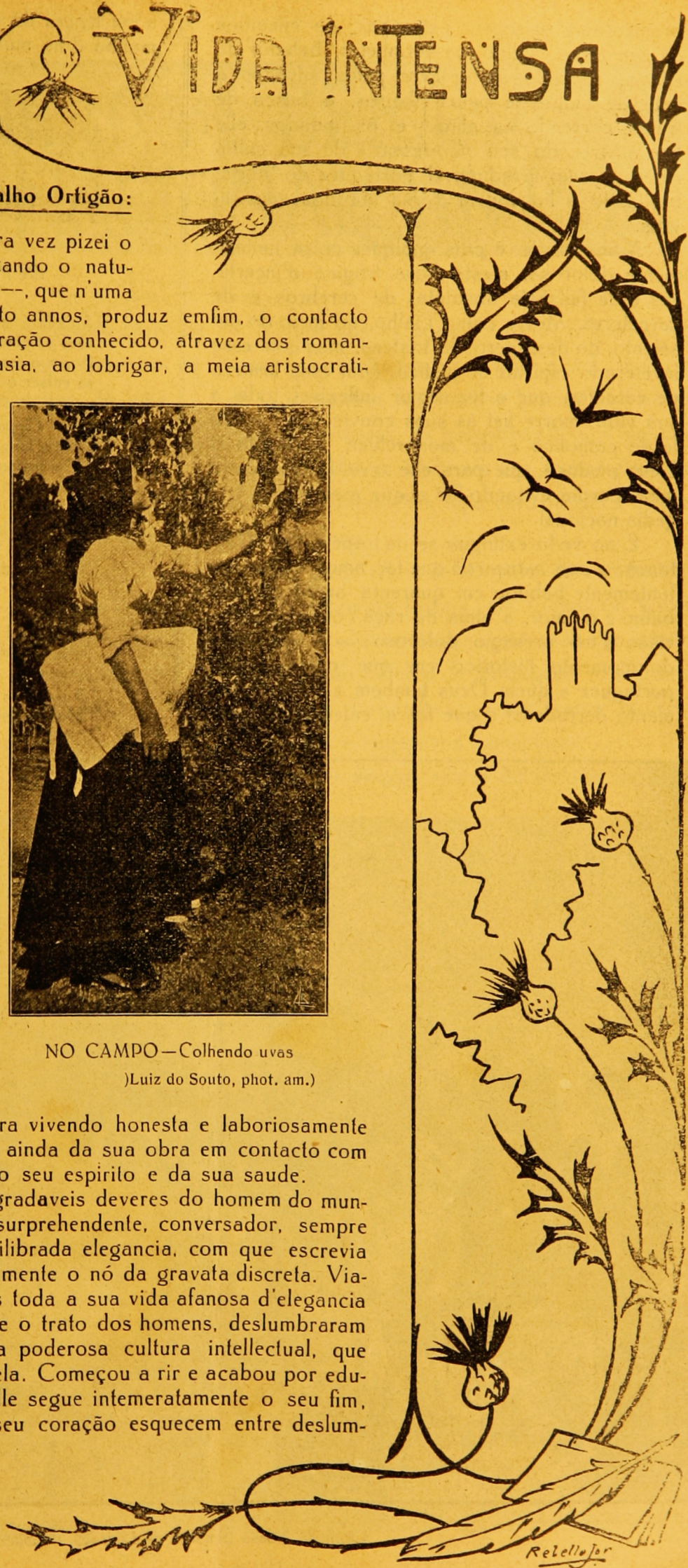


NO CAMPO—Colhendo uvas

(Luiz do Souto, phot. am.)

E aquella saude e n'aquella surprehendente mocidade de cabellos brancos, passava, triumphante, forte, como um incitamento, como um symbolo!... Para nós, todos aquelles que nos acostumamos a vêr as authenticas glorias, com o ar cachetico de mumias, longe das suas obras era consolador ver aquella grande figura vivendo honesta e laboriosamente a sua vida d'escriptor, dentro ainda da sua obra em contacto com os homens, e pujança plena do seu espirito e da sua saude.

Conheci-o—depois—nos agradaveis deveres do homem do mundo, como o mais scintillante, surprehendente, conversador, sempre grave e correcto, a mesma equilibrada elegancia, com que escrevia uma phrase ou atava impeccavelmente o nó da gravata discreta. Viagrou pelas cidades e pelos livros toda a sua vida afanosa d'elegancia e de trabalho e, se as cidades e o trato dos homens, deslumbrou o *dandy*, os livros deram-lhe a poderosa cultura intellectual, que a segunda fase das Farpas revela. Começou a rir e acabou por educar. Sem um desfallecimento, elle segue intemeratamente o seu fim, mas nunca o seu espirito e o seu coração esquecem entre deslum-



bramentos e paisagens estranhas, os encantos da sua terra. Velho passarinho, batedor de letras, educado ao ar livre, pelos silvados á cata de ninhos e pelos ribeiros, á busca de frutas, correndo as almas e os mundos, elle fica aavez do seu *dandysmo* e da sua cultura, o mesmo irreductivel portuguez do norte, burilando a linguagem vernacula dos seus livros.

A sua morte, é pois qualquer coisa immente dolorosa, n'esta hora tragica d'incertezas e de fallencia absoluta, de cerebros e de caracteres. Morre como Fialho, no meio do desalento, do desespero, da tristeza, mas com esse inveterado espirito de justiça, com essa firmeza de caracter, que o fez seguir inflexivel toda a sua vida, morre fiel ás suas convicções e a sua fé de catholico e de monarchico, louvando o Deus piedoso, que para elle teve a derradeira misericordia evitando-lhe a que assistisse á tragedia nacional.

E ao ve-lo extinguir-se na trapeira dos Caetanos, *a sua mansarda* que tão amorosa e constantemente habitou em quarenta annos de trabalho e d'amor, a alma da raça confrange-se na visão d'um presagio doloroso: — a lembrança do momento historico em que outro grande portuguez a quem Deus tambem evitou o desalento derradeiro e que foi a enterrar, envolto

n'um lençol da casa Vimioso n'aquella sinistra manhã d'ha muitos annos...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

A hora que foge

OO

(De Martinho Nobre de Mello)

Appoia a tua frente sobre a minha.
Que as nossas faces rocem docemente;
E que o teu sopro ténue d'avesinha
se enlace e case ao meu respiro quente!

Vem! Grava no meu braço o rithmo e a linha
De um longo arfar, moroso de serpente...
O' suspirosa e tímida andorinha
Fazes o teu ninho no meu collo ardente!

Morreu a luz na alampada de prata!
—Que em nosso olhar se apague, sobre um beijo
Esta anciedade torva que nos mata.

Silencio!... A luz resurge, novamente.
O' tristes! Não passamos do desejo:
—Cahe entre nós na cinza do poente,

A saudade d'um beijo que não demos,
E morre em nossos labios, castamente...



Orpheon Nossa Senhora de Lourdes, de Sarzêdas

(Padre Miranda, phot. am.)

EXPOSIÇÃO DE CERAMICA NACIONAL ANTIGA

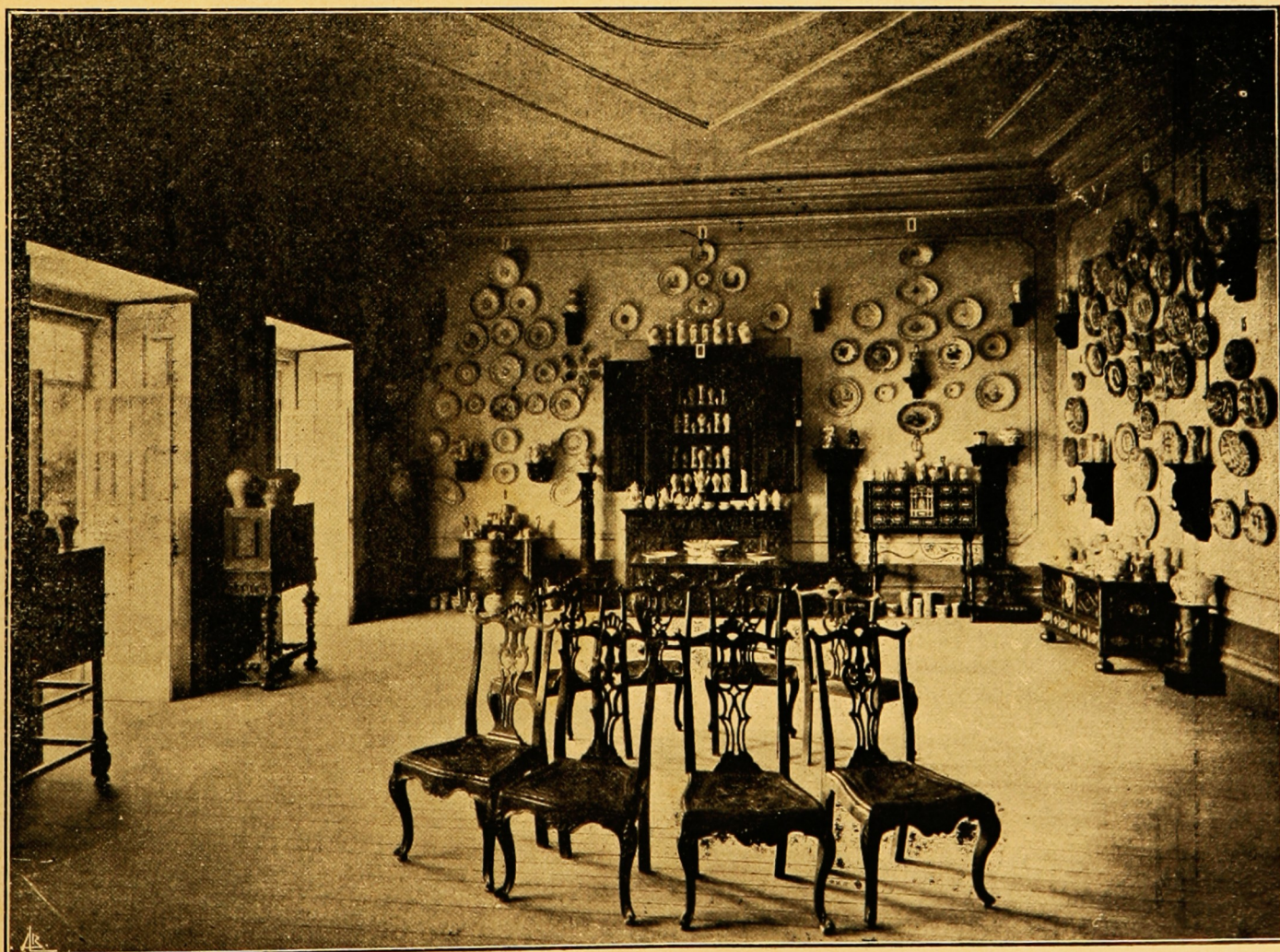
Vianna do Castello, a linda cidade do Norte, que tão bellos atractivos possui na sua architectura, em que o estylo manuelino dá uma nota vibrante,—no encanto natural da sua população amiga,—na sua paisagem alegre: é a terra que possui, proporcionalmente, no nosso paiz, maior numero de amadores de ceramica nacional antiga.

No programma das festas da Agonia, de este anno, foi incluido, quasi que despercebidamente, um *numero cheio*, com a exposição de velhos productos d'essa amorosa industria portugueza, que se apresentou com abundancia e com gosto.

Fomos nós os portuguezes os primeiros europeus que entramos na China e no Japão e de lá trouxemos os famosos jarrões, as monumentais travessas, os suggestivos boiões que tanto ornamentaram interiores das nossas classicas moradias, dando-lhes uma caracteristica fresca de faiança.

Mais tarde creou-se no paiz essa industria, que floresceu em Lisboa, em Gaya, em Coimbra, em Prado, em Vianna, etc. mas que entrou, para lhe não faltar o *tic* português, em franca decadencia, tornando-se, assim, raros os seus pittorescos e suggestivos exemplares.

Em tres amplos salões do Palacio da Esco-



Sala A—Julio Geraldès

la Industrial, os ex.^{mos} srs.: dr. Luiz de Oliveira, que não é um colleccionador banal — sendo a sua casa na rua S. Sebastião um pequeno museu; grande, no entanto, pelas preciosidades que avâramente contem e que mais tarde serão motivo para uma croniqueta especial, — Julio Geraldes, que, na graça com que expoz, evidenciou o seu espirito fino de homem de gosto, — dr. Alfredo Queiroz, um investigador perseverante n'esta especialidade, Serafim Neves, assás conhecido pelo seu devotamento á ceramica antiga, enfim todos elles possuidores de grandissimo numero de especimens, foram organisadores de tão formoso certamen, o maior, o mais perfeito que se tem realisado entre nós.

Vianna do Castello, 15—9—15.

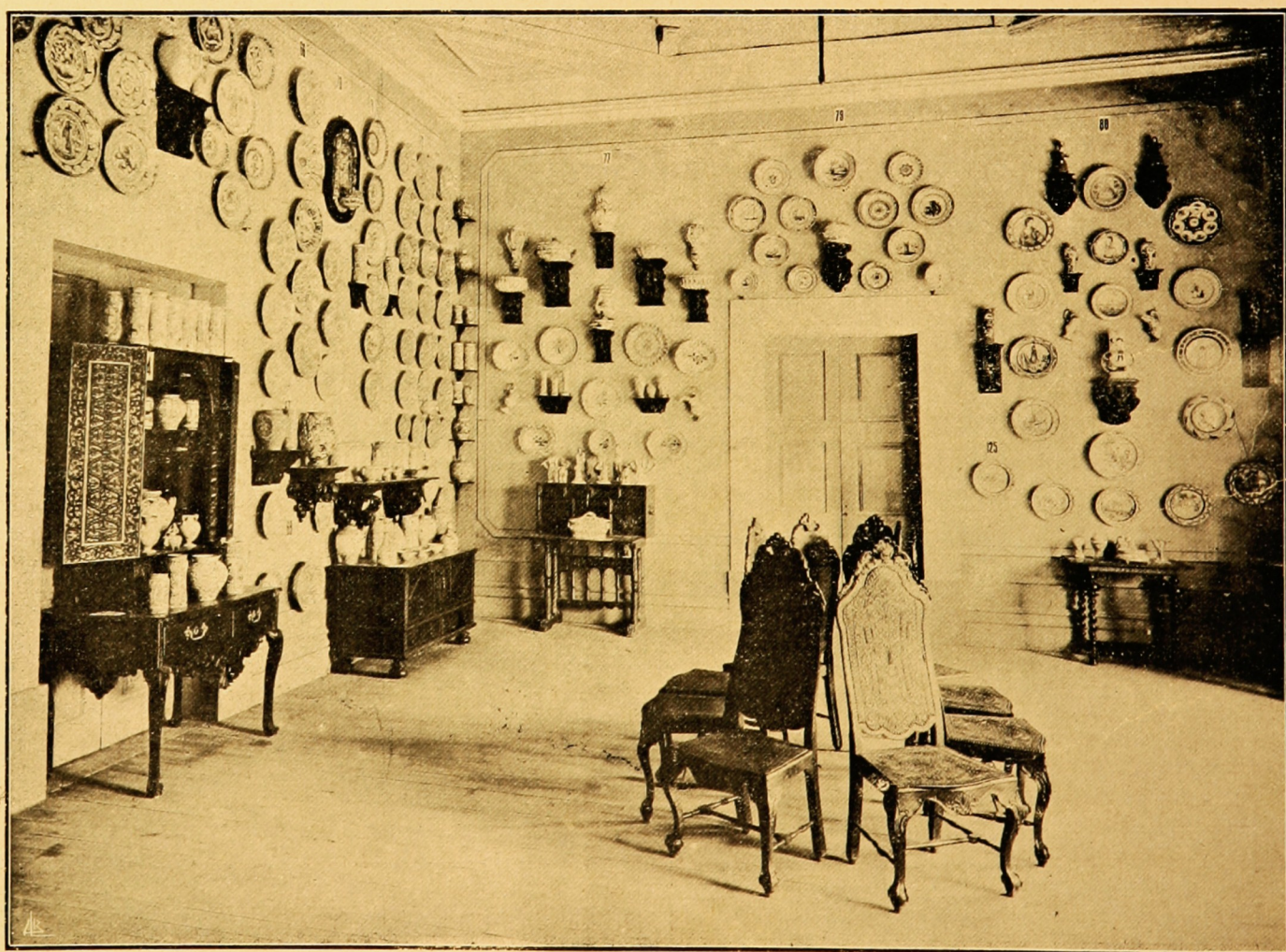
AUGUSTO SOUCASAUX.



Padre Antonio Vieira



D. JOÃO IV não se preocupava, porém, com as opiniões facciosas dos inimigos de A. Vieira. Vendido diffamado o grande prégador e apóstolo, chamou-o ainda mais a si, aproveitando-lhe, ao



Sala B—Dr. Luiz d'Oliveira (Dois aspectos)



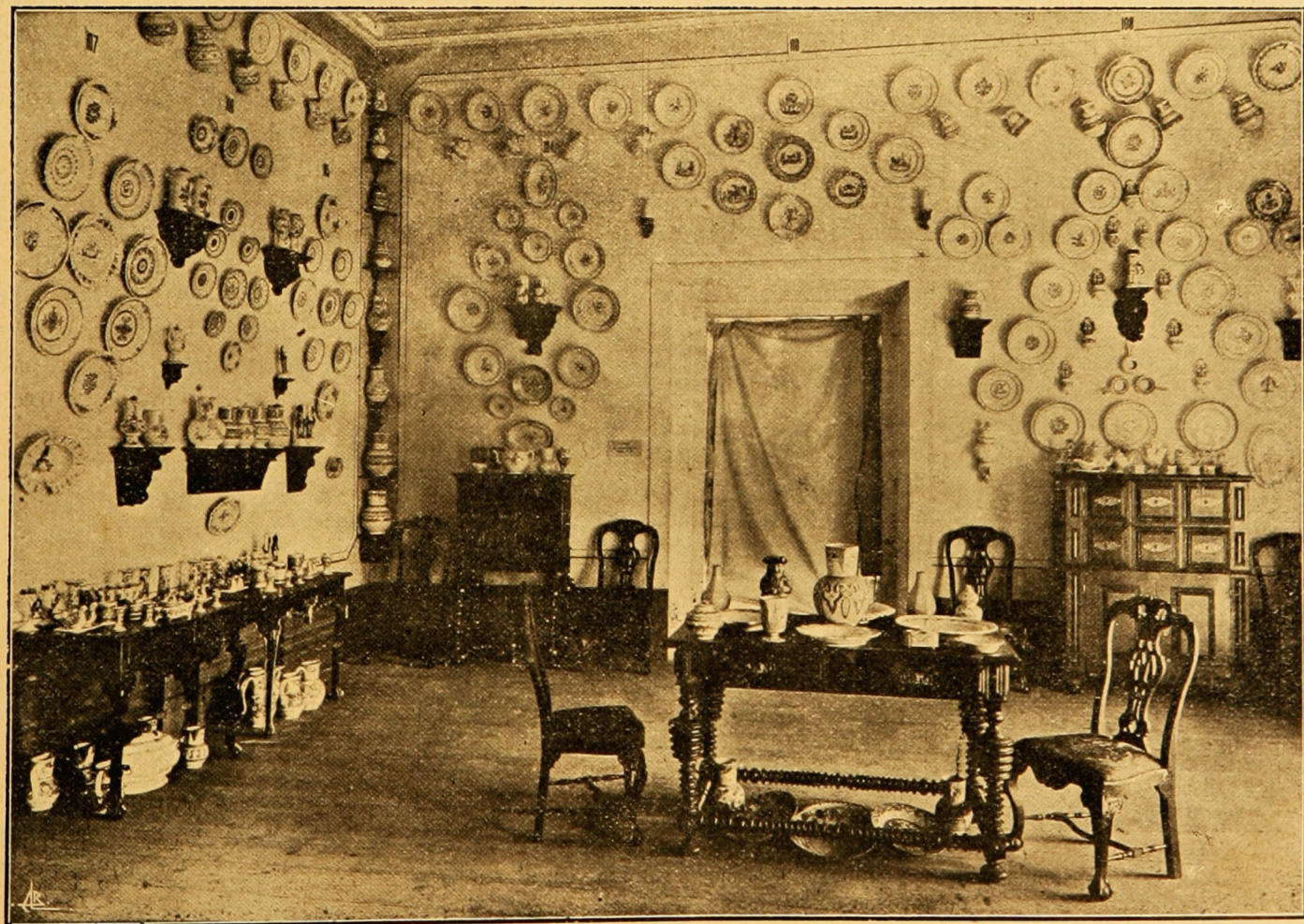
Sala C.—Seraphim Neves

mesmo tempo, o conselho profundo e sólido. E o glorioso Jesuíta e patriota nunca deu mostras de amargura por tantas injustiças, nem desvirtuou o seu valimento junto do Monarcha, deprimindo e perseguindo os inimigos.

Tal facto, porém, dementou e mais empederniu os conspiradores. Revolveram phantasias, forragearam calumnias novas. Unidos pela inveja e pelo desespero, descobriram, enfim, o que lhes pareceu larga brecha em trincheira tão forte. Proclamaram então que o Padre Antonio



vantadamente, ao monarcha (segundo as proprias palavras do Padre André de Barros:) *Que não tinha Sua Magestade tantas Mitras em toda a sua Monarchia, pelas quaes elle houvesse de trocar a pobre roupeta da Companhia de Jesus; e que, se chegasse a ser tão grande a sua desgraça, que a Companhia o despedisse, da parte de fóra de suas portas se apartaria jámais, perseverando em pedir ser outra vez admittido n'ella, se não para Religioso, ao menos para servo dos que o eram.*



Sala C.—Dr. Alfredo Queiroz

(Phots. de A. Soucasaux)

Festa do "Sport Lisboa-Braga,"

Estas palavras admiráveis tem resabos de lagrimas do coração. Não se commentam, porque não carecem de commentarios.

Antonio Vieira evidencia toda a humildade e toda a lealdade, e alem d'isso, um coração de diamante.

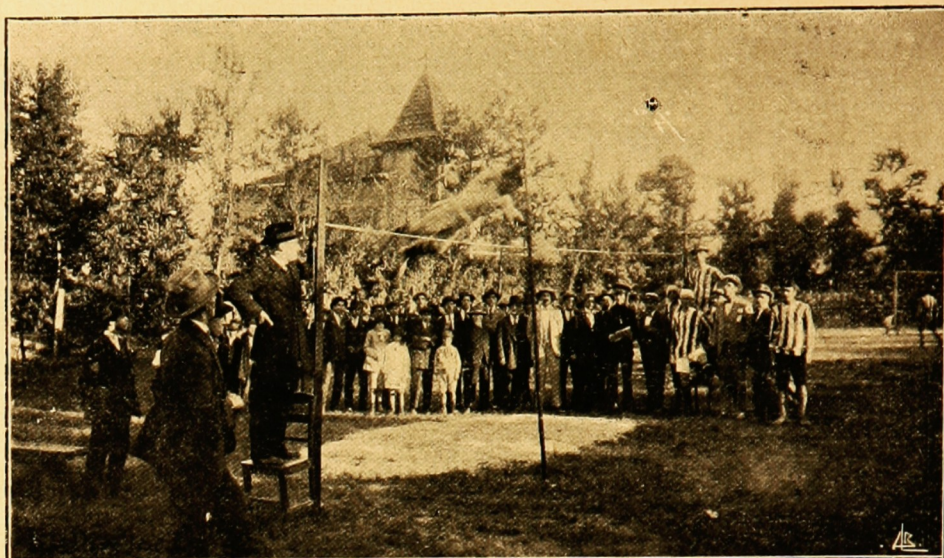
D. João IV viu confirmado o alto juizo intimo que fazia de Vieira.

Os diffamadores do glorioso Jesuita receberam o maior golpe que a infamia pode vibrar a innocencia com o sentimento enternecido do melhor affecto religioso.

E Pombal? Aos seus inimigos, e tão fortificados pela verdade, dispersou-os em ondas de sangue nos patibulos, ou apunhalando-os com intrigas e misérias.

Em vez de repellir altos fastigios, procurou-os tanto, que não contente em empalmar o monarcha, alimentando-lhe sardonicamente a monomania de torneiro, pouco util á Patria por dominar tão languido operario, tornou-se o ministro unico, collocando aos pés homens muito mais valiosos do que elle, e, quando encontrou qualquer séria resistencia, nunca vacillou diante dos meios, foi brutal, selvagem, hediondo, abusando da força e da crueldade, habituando-se a beber sangue humano, como um sinistro Han d'Islandia, transportado para a beira do Tejo.

Pedro Vieira da Silva, Secretario de Estado, e mais tarde Bispo de Leiria, foi o porta-



O snr. Domingos Calheiros de Carvalho, no salto á vara, á altura de 2,^m35

do da angelica resposta de Antonio Vieira a el-rei D. João IV.

O monarcha commoveu-se decerto, e mais se affeioou ao Jesuita eminente. O que é positivo é que os diffamadores, perdendo então todo o terreno, emmudeceram e immobilisaram-se.

Antonio Vieira continuou no seu apostolado e gratuito conselho junto do soberano portuguez.

E até 1645, não houve em volta de Vieira outro mal que não fôsse a febre que n'esse anno o prostrou perigosamente durante quatro mezes. Logo depois, surdia o Vieira diplomata

E este não era dos que em Londres e Vienna d'Austria esbanjavam tempo e dinheiro em mundanidades frivolas e torpes.

Antonio Vieira, diplomata, excede tanto em talento, saber e moralidade o pobre Sebastião José de Carvalho que, estudada a obra patriótica do prelado Jesuita, a obra de Vieira é digna d'um grande estadista, e a de Pombal não chega para se poder dar a este feliz ministro de D. José I nem sequer as honras d'um bom secretario de legação, assiduo, correcto, impeccavel no serviço do expediente e no côbro da lingua.

JOSÉ AGOSTINHO.



A menina Raymunda Loureiro, collocando as medalhas aos vencedores das provas desportivas

(Phots. Belleza)



No commercio da vida, a verdade é como uma moeda, que não é permittido alterar: aquelle por tanto que mente, é como o falsificador, que abusa da fé publica.

Conselhos de velho...

AS TRES EDADES DO ADVOGADO

A' memoria de meu Pae

MAITRE Bonnet, ou o dr. Bonnet, como nós diríamos em portuguez, nasceu em Paris vinte e nove annos antes da Revolução, e foi um dos advogados que com singular felicidade assomaram á barra dos tribunaes francezes. Aos loiros colhidos pela sua eloquencia no fôro juntou elle por volta de 1820, os que o consagraram na tribuna parlamentar.

Andam os homens notaveis esquecidos! De mim, confesso que ignorava a existencia d'esta figura do fôro parisiense, e que ignoral'a-hia por muito tempo se ha dias, ao vêr reproduzido n'uma gazeta o desconfiado elogio com que a imprensa de ha quarenta annos recebeu a noticia da abertura do escriptorio de advogado de Eça de Queiroz, não me levasse á curiosidade e a condição propria, ajudadas pelo respeito que tenho aos velhos, a retirar da estante um antigo volume do grande Berryer, intitulado *L'éloquence judiciaire*. Ao deixal-o cahir sobre a banca dividiram se as paginas no começo d'um capitulo assim epigraphado: *Les trois ages de l'avocat*. Li-o e buscando o auctor do tão formoso como util excerpto seleccionado, achei o nome de Bonnet e a citação seguinte: «fragmentos do discurso pronunciado na bibliotheca dos adversarios».

Ouçõ de ha muito bradar contra a crise dos bachareis. A phrase tem hoje fóros de logar commum e, a meu vêr, devem os bachareis de hoje gosar em breve o prazer dos mythologicos deuses, ao notarem com ironico sorriso, que á crise dos bachareis vae succedendo a dos medicos, perigosa para nossas vidas, e as dos professores, que equivalerá ao augmento da mendicidade—se não erram os calculos baseados na actual frequencia das faculdades de letras e de medicina do paiz...

Eu não me proponho fazer aqui um elogio da toga. Creio que não ha pessoa menos bôta

de raciocinio e de bons sentimentos que ouse fazer juizo da nobilissima e intrépida classe dos advogados por uns quantos que a abandalharão no marnel da politica, utilizando a função de legisladores para, por debaixo da toga, urdirem chicanas miseraveis e de todo incompativeis com os deveres de honestidade e com a responsabilidade que a profissão de advogado impõe. Ai d'ella se tambem se mercantilisa, entrando para a já longa série dos parasitismos sociaes. Ai d'ella se aberra das tradições austeras d'aquelles operosos trabalhadores forenses que inda hoje o povo recorda como celebridades saudosas e que não deixaram nome profanado porque «ou não eram careiros ou morriam pobres», como me disse um dia um velho lavrador que da pericia d'elles fiou o resultado de muitos pleitos!...

De uma certa desconfiança ou prevenção que contra o advogado já domina entre o povo, cabem directamente culpas áquelles sobre cuja campa nunca será licito escrever o epitaphio que em 1565 os gratos habitantes de Nuremberg puzeram na do célebre jurisperito Jeronymo Baumgartner:

*Profruit omnibus quibus potuit:
Nocuit nemine.*

São elles felizmente, minoria, e apesar de todos os abusos que commetteram ou commettem, como diz um escriptor francez, a advocacia é das mais bellas profissões que o homem pode exercer, offerece uma admiravel applicação ás grandes faculdades do espirito, abre magnifica carreira ás ambições legitimas, e á escola dos oradores e dos homens d'Estado. «Os dons naturaes e os resultados do estudo deparam felizes occasiões ao desenvolvimento nos trabalhos da defesa e da consulta».

Que o Demosthenes das *Philippicas* e o grande Cicero e o nosso João das Regras me perdoem estas considerações á laia de prologo, e venha *maitre* Bonnet expôr os seus prudentes conselhos aos incipientes e timoratos da *primeira idade*.

«Apoz maduro exame. encarrégue-se o moço advogado

de um pequeno numero de causas, cada uma das quaes será para elle motivo e campo de um fructuoso estudo; estude-as cuidadosamente e encare-lhes todos os aspectos; não se julgue dispensado de estudar no futuro porque apenas en-
 cetou ainda a sua profissão; suppra a experiencia com um longo e paciente trabalho: eis o unico meio de obstar a maiores inconvenientes. Se o joven advogado não exerce nem pratica o seu ministerio, desconhecerá muitas coisas, e saberá mal de outras, e será sempre inhabil na pratica; se ao mesmo tempo quisér emprehender muitas coisas, nunca estudará o sufficiente e tractará das causas sem as entender, acostumar-se-ha a fazer as coisas mal feitas e, peor ainda, a julgar que as faz correctas, e ficará para sempre condemnado á mediocridade.»

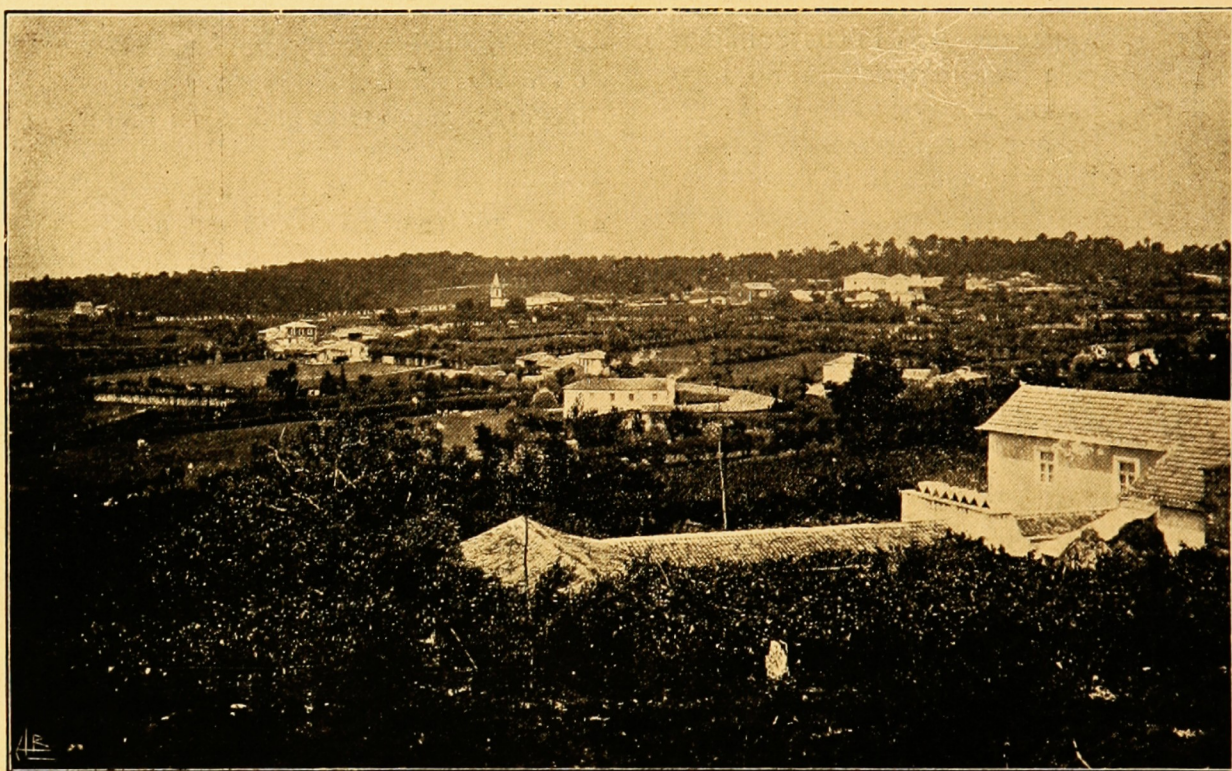
Eis que chega a *segunda idade*, a idade *des exercices*, da grande prática, a idade decisiva, por assim dizer. E Bonnet aponta para as glorias fulgentes, o contentamento que advém dos triumphos da verdadeira justiça. Ouça-mo-lo:

«Mostrar-se adversario nato da injustiça e da fraude e defensor natural da fraqueza e da innocencia; levar aos tribunaes uma voz corajosa, para defender interesses que não

A *terceira idade* é como o cimo da montanha, melhor: o topo da escada de mármore em cujo patamar altissimo a celebridade reúne os seus eleitos, apoz porfiadas canseiras e honrados labores. «Como eu gosto de me prefigurar o espectáculo de um jurisconsulto celebre, rodeado de clientes cheios de confiança, que veem depôr no seu seio as suas pretensões e os seus direitos!» diz *maitre* Bonnet, que foi do numero dos escolhidos para tão superior missão.

E com tal auctoridade elle remata maravilhosamente os seus ensinamentos, contrapondo as responsabilidades ao gozo da victoria, clamando que «sobre todas as sciencias necessarias ao advogado, ha uma, a mais solida, a mais importante, a mais indestructivel de todas; — a *sciencia da virtude!*»

«E' ella que sobre todas é necessaria em



CANIDELLO—Villa do Conde (Portugal)

são nossos com uma força que o proprio interessado não ousaria apresentar; calcar aos pés essas miseraveis considerações que apresentam a riqueza ou a condição do adversario como razões para uma condescendencia covarde ou uma vergonhosa timidez:—nobilissimas funções!»

Os salarios d'estes serviços inestimaveis, irreprehensivelmente prestados, são a consideração e a estima publicas, o deter-se um orador no meio do seu discurso para ouvir no silencio que o rodeia, o respeito que lhe tributam, e na avidéz de mil bôccas e na anciedade de mil olhos, a voz da propria fama. As compensações d'estes trabalhos são contemplar a bôa alegria dos clientes que se embarçam para agradecer ao seu defensor, são sobretudo aquella soberana e ditosa independencia que transforma o advogado que honra a sua toga, n'um sacerdote dos direitos da consciencia humana esmagados — bem precioso que até os reis da terra desejariam para seus diademas!...

todas edades; é ella que nos dá na juventude a força para supprimir as paixões fogosas; que na idade madura nos inspira a coragem necessaria para combater as grandes injustiças; e que nos arma de santa auctoridade na velhice».

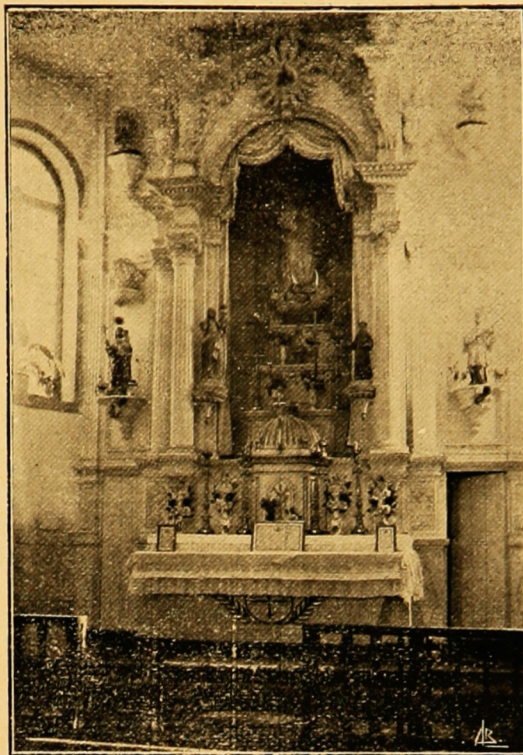
A *sciencia da virtude!* E quem a ensina, e onde se estuda e se aprende ella, senão n'Aquelle que foi o advogado divino dos direitos da consciencia, porque a ensinou a ser pura, que proferiu os mais maravilhosos discursos, que para salvar os reus do grande crime da maldição eterna se collocou e offereceu como victima ás injustiças da terra; Aquelle que dictou no Sinai o codigo da felicidade humana e que do brado implorativo e lancinante, soltado entre o desabar de um mundo, no cimo do Golgotha, disse e fez a mais bella defesa, perante o superrimo juiz—Jesus Christo?...

F. D'ALMEIRIM.

Grupo de defesa e Propaganda Catholica



A direcção do grupo e defesa e Propaganda Catholica do Porto realizou no dia 17 de setembro uma visita ao Monte da Virgem, onde fez o seu passeio annual de confraternização. e teve a amabilidade de enviar á *Illustração Catholica*, varias photographias que perpetuam essa reunião de ami-



4 —A Direcção do G. D. P. C. com o seu estandarfe.

Da esquerda para a direita, sentados:

Abilio da Silva Villaça, 1.º secretario.

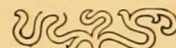
Narcizo Pinto Loureiro, presidente.
Abel Pereira Delgado, 2.º secretario.

Em pé,

da esquerda para a direita:

Arthur Balças, thesoureiro.

Januario Ferreira, vice-presidente.



E' raro o recorrer o espirito ao que é natural e simples. Elle ama a arte e os prestigios; elle prefere os phosphoros á luz; elle gosta de marchar por caminhos espinhosos e difficeis, que de ordinario não são os da verdade.



gos e bons catholicos. N'ellas se vé:

1—Al'ar mór da capella do Monte da Virgem onde o grupo realizou a sua festa.

2—Exterior da capella.

3—Os excursionistas.

1.º plano, em pé:

Cezar d'Oliveira
Abilio da Silva Villaça
Narcizo Pinto Loureiro
Abel Pereira Delgado
Antonio Ferreira
Manuel dos Santos Gouxo Junior.

2.º plano, sentados:

Delmino Rodrigues
Januario Ferreira
Arthur Balças
Ferreira Mendes Junior
Manuel da Costa Araujo.



Não é grande vantagem ter o espirito vivo, se elle não é solido. A perfeição de uma pendula não consiste em andar depressa, mas em ser bem regulada.

E' necessario ser muito imprudente, para fazer a'arde de espirito, d'ante de quem se não conhece.

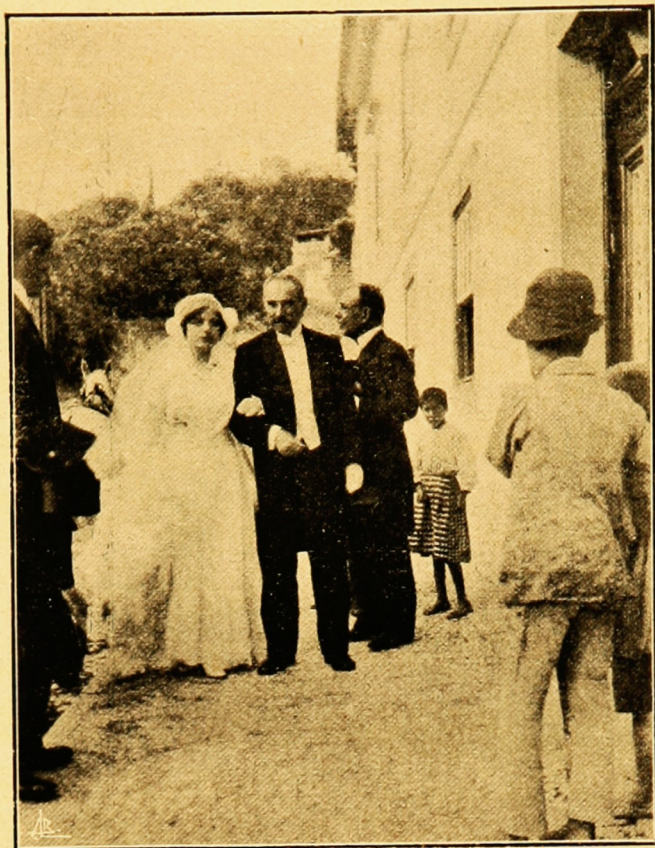
Pode-se ter um espirito mui fino, mui agradável, e mui fraco ao mesmo tempo.

Assim como o nosso espirito se fortifica, pela comunicação dos espiritos vigorosos e nobres; assim elle se enfraquece e se perde, pelo commercio com os espiritos enfermos e baixos. Não ha contagio mais perigoso.

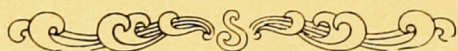
O espirito é um talento precioso, quando elle serve de orgão á razão: mas se elle usurpa o seu logar, é uma verdadeira molestia da alma.

Um espirito sem juiso, é um navio sem leme.





Um casamento elegante em Thomar—A senhora D. Mathilde de Leão pelo braço de seu tio o snr. Augusto Duarte Leão, entrando para casa das senhoras D. Julia e D. Beatriz de Seabra Mousinho de Brito em cujo oratorio se realizou seu enlace matrimonial com o snr. dr. Justino da Costa Simões.



Narciso Antonio Thimoteo

Foi graphico distincto e trabalhador infatigavel. Durante annos serviu de administrador-editor do extinto «Journal de Braga», tornando-se então muito querido dos redactores d'aquelle semanario, que reconheciam n'elle um espirito intelligente. Dedicou-se muito ao estudo, lendo muito e colleccionando artigos de valor.



(Fallecido em 14 de Se'embro de 1915)



Dr. Reis Maia.—Distincto advogado e jornalista catholico

(Phot. A. Soucaux)



Dr. Luiz Maria da Silva Ramos

Nosso illustre conterraneo, antigo lente decano da faculdade de theologia em Coimbra, de cuja universidade é um preclaro ornamento.



A' Virgem da Expectação

(Pró Patria)

I

Na ermida dos *Fradinhos*, que sósinha
Se esconde na soidão do Pinheiral,
Escuta a minha voz, ai! que tão mal
Se ouve, de branda que é, doce Rainha.

Olha a nossa paizagem: tão tristinha!
Vê nossos corações: que ancia mortal!
Nas coisas e almas lusas se adivinha
Que a Morte se approxima a Portugal...

—Pela tua divina expectação
Volve um piedoso olhar. Cheia de Graça,
Para esta infelicíssima Nação!

...Expectação que tem Jesus por Norte!
É a nossa, a nossa, Mãe! a desta Raça.
É a expectação... de quem espera a Morte.

II

Morrer! Póde morrer quem é da gloria?!
Quem achando já estreita a Terra ingente
Se foi ao mar — e conquistou victoria,
Essa augusta victoria do Oriente?!

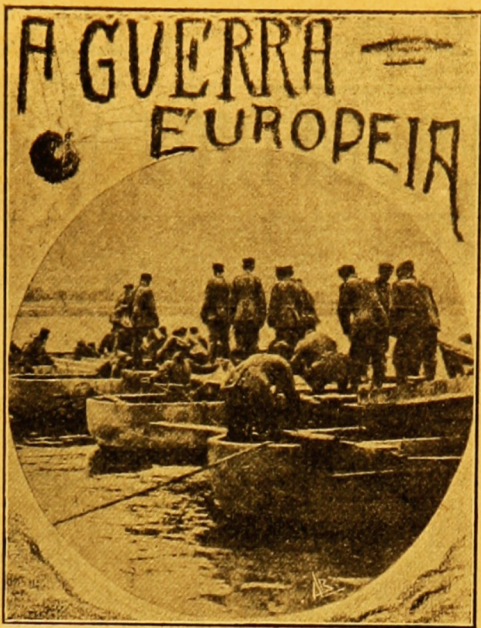
Morrer! Tu que lhe és Mãe, a Protectora
Que sempre lhe ha valido—ora a soccorre!
(E há quem duvide já de Ti, Senhora,
Dizendo em seu chorar:—Portugal morre...)

Se o seu porvir é um *mar de treva* densa
Que o valor lhe entibia—ah! possa a Crença
Illuminar-lh'o a flux, por ahi' alem...

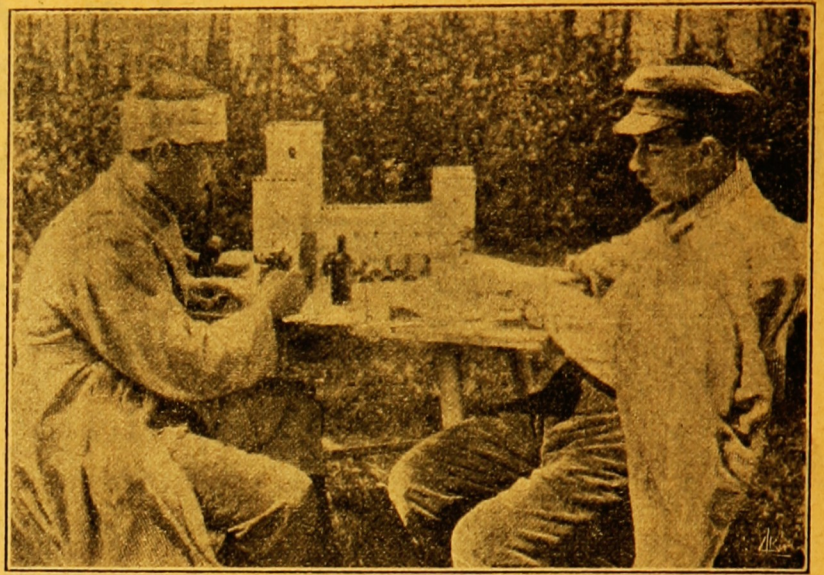
—E a Nau ha-de singlar! e o Marinheiro
Irá dizer, ovante, ao mundo inteiro:
—“Morrer” não póde um filho de tal Mãe!

Paredes de Coura,

TEIXEIRA PINTO.



Os alemães construindo uma ponte de barcos sobre o Vistula



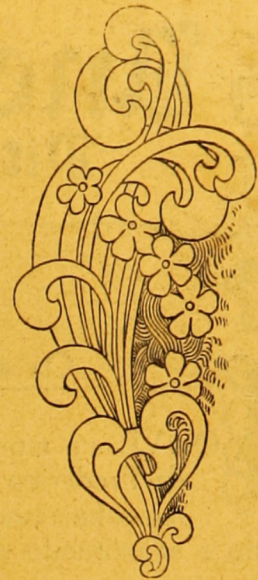
Nos ocios da convalescença os soldados constroem castellos de carvão



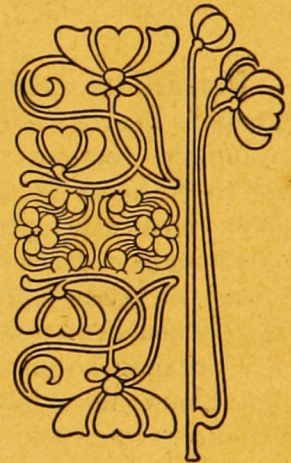
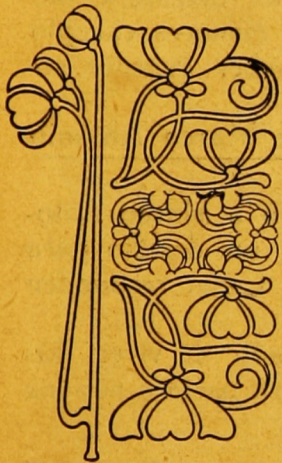
Official italiano dando ordens por meio de buzina



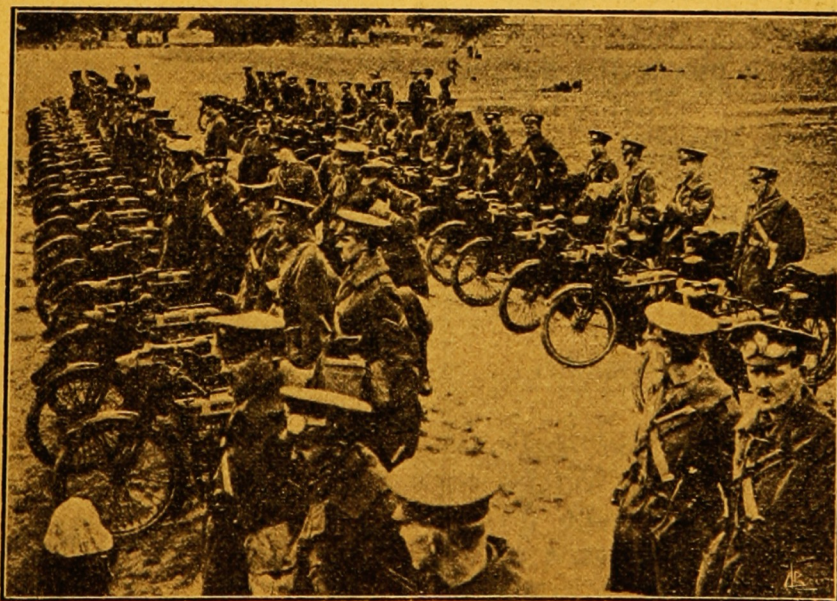
Os generaes em lucta. O defensor de Kielce



O general allemão von Bellow, e seu estado maior no teatro oriental da guerra



Um official allemão contemplando Varzovia de uma ponte destruida pelos russos



Exploradores motociclistas que prestam importantes serviços ao exercito inglez

Anecdotas e historicas

Ditos e pensamentos



Os aliados de Frederico

HOUVE um momento em que o grande Frederico julgou ver toda a Alemanha reunida em volta de si; derrotado e acantonado no Saxe durante o inverno de 1760, procurava por toda a parte alianças e por toda a parte se via repellido, disse então:

—Só me restam dois aliados, o valor e a preserverança.

Cesar e a barca

Pompeu e Cesar arcavam n'essa ensanguentada guerra civil em que se empenhou todo o imperio romano. Cesar tinha ordenado a Marco Antonio que se approximasse com a sua gente, mas este general não chegava. Pouco acostumado a esses vagares, quiz ir em pessoa buscar as suas legiões. Uma tarde sahiu sózinho do seu acampamento, metteu-se n'uma barca e ordenou ao piloto que remasse para o mar alto. Um vento contrario recalrava as vagas e o piloto recusava-se a avançar. Cesar fallou-lhe:

—Que receias tu? Levas Cesar e a sua fortuna!

Todos estes fundadores de imperios, diz um historiador, acreditam ou fingem acreditar n'uma fatalidade que os protege até que cumprom a obra para a qual se dizem chamados.

A gloria dos paes

Os athenienses eram por Pompeu e contra Cesar. Depois da batalha de Pharsalia appareceram supplicantes deante do vencedor. Cesar limitou-se a dizer-lhes:

—Quantas vezes vos salvou já a gloria de vossos paes!

Segredo em bocca de mulher...

No senado romano debatia-se tão importante assumpto que as sessões eram secretas. Mas Papiro, filho d'um senador e moço discreto, logrou illudir as ordens rigorosas, e entrou no senado. Ao regressar a casa perguntou-lhe a mãe qual o assumpto que preocupava o senado, e Papiro não querendo deixar de responder, mas não querendo tambem propalar o que jurára guardar, disse:

—Discutiram qual seria mais util á republi-

ca, estabelecer se cada homem devia ter duas mulheres, se cada mulher dois homens.

A mãe ficou sobremaneira sobresaltada e convocou varias amigas, que todas foram no dia seguinte ao senado protestar contra a adopção da primeira parte da alternativa. Os senadores estavam espantados, não comprehendiam o protesto das mulheres romanas. Então o joven Papiro contou o que se passára com sua mãe e os velhos senadores riram francamente.

Deliberaram depois que ás discussões do senado não fôsem admittidos menores, excepto Papiro que assim mostrou saber guardar segredo.

Cesar e Marco Antonio

Depois que Cesar venceu a Marco Antonio, recebeu da parte d'este um desafio para combaterem corpo a corpo. Cesar respondeu ao mensageiro:

—Se Antonio está cansado de viver, diz-lhe que busque a morte n'outra parte e não na ponta da minha espada.

Não saber a quem seguir

Na guerra de Pompeu com Cesar, muitos romanos hesitaram no partido que seguiriam, sendo d'este numero Cicero, que dizia:

—De quem hei de fugir sei eu, a quem hei de seguir não sei.

Morte de Socrates

Socrates, por não querer adorar a mais que um Deus, foi preso n'um carcere da cidade de Athenas e condemnado á morte. Sua mulher despediu-se d'elle, dizendo:

—E' possivel que morras, estando innocente?

—E tu querias que Socrates morresse culpado?!

Devemos ter amigos para nos ajudarem no que fôr necessario.—*São Lucas.*

Não sejas apressado em tomar amizades, mas sê constante nas que tomares.—*Solon.*

TITO FLAVIO.